

# As Favelas e a Cidade

O temporal que desabou sobre a cidade em meados de janeiro findo despertou de forma violenta a consciência da maioria dos setores da população para o problema das favelas. Exigem estes setores, agora sensibilizados e mobilizados pela recente catástrofe, a pronta e imediata extinção dos aglomerados humanos que ocupam as encostas dos morros cariocas.

O estado emocional gerado pelos momentos de crise se não pode ser considerado dos mais propícios à escolha de soluções corretas, não deixa de trazer consigo condições motoras apreciáveis e positivas. Eliminados os fatores de exacerbação emocional trazidos, pela tragédia, poder-se-ia aproveitar o momento para, criteriosamente, procurar o caminho da solução para este angustiante problema.

O primeiro passo neste sentido seria, sem dúvida, o de procurar dimensionar o problema de forma objetiva e em sua verdadeira grandeza. Esta parece-nos ser a única maneira de evitar as deformações causadas pela pressa com que se enfoca o problema e que tende a levar, com frequência, a adoção de meias medidas ou meias soluções, quase nunca corretas, adequadas ou capazes de conduzir a resultados satisfatórios.

A primeira questão a levantar seria a de saber se há um problema isolado de favelas, próprio do Rio, ou se este aspecto não disfarça um problema maior, uma crise habitacional de caráter mais amplo, com ramificações profundas não só na estrutura urbana do Rio e do Grande Rio, como no território nacional inteiro. Esta primeira diagnose daria a escala em que se deveria operar, permitiria levantar os meios de que se poderia dispor e a maneira de melhor utilizar estes recursos.

4 Ninguém, hoje, poderá ter dúvida quanto a amplitude da crise brasileira de moradias. De lá todos têm conhecimento, sua expressão numérica, dada em termos oficiais, é de 7 milhões de unidades. Esta cifra indica que cerca de metade da população brasileira sente na própria carne o drama da moradia.

Fácil é inferir daí que as dimensões do problema extravasam o âmbito da ação exclusivamente local e específica.

No caso particular do Rio, é preciso afirmar que não existe, quanto a habitação, um problema único para as pessoas de baixos recursos — aquele que se identifica como sendo o dos que moram em casebres situados nas encostas dos morros. Existe, pelo contrário, um verdadeiro processo carencial que atinge a quase totalidade da população. Nada diferencia o casebre ou barraco dos morros dos demais tipos de moradias rústicas encontradas não só nos locais planos do Rio como em outras cidades, e na maioria da área rural brasileira. Ao lado do barraco, já identificado, há mais de 20 anos por Carneiro Leão, como o tipo nacional de moradia — o Rio apresenta outras formas bastante difundidas de subabitação: a cabeça-de-porco, a hospedaria e uma forma contemporânea de confinamento — o quarto-e-sala-conjugado ocupado por famílias numerosas.

Ao lado desta dimensão nacional do problema, existe uma outra que não pode deixar de ser considerada: aquela que vincula a habitação à cidade. Estas duas premissas devem estar presentes em qualquer estudo que vise o equacionamento não do problema das favelas cariocas mas do problema habitacional do carioca.

Habitação, já repetimos inúmeras vezes nestes editoriais, não é exclusivamente o espaço contido pelas quatro paredes de uma casa, ela se prolonga através do espaço circundante e é a qualidade deste espaço ou sua adequação que irão conferir à casa seu verdadeiro valor. Assim sendo, não é admissível que se continue a raciocinar em termos de apenas construir casas, e casas isoladas, numa tentativa vã de resolver a situação de uma população que vive em condições infra-humanas.

Se há realmente o desejo de dar condições decentes de vida à população carioca, devemos procurar os caminhos que verdadeiramente conduzam a isto e para tanto é preciso começar por planejar a cidade e sua região. □